

Índice

Informações gerais | 02

Métodos e abordagens | 05

Interação e participação da turma | 35

Participação do educativo | 42

Desenvolvimento e impacto das aulas sobre a turma | 45

Avaliação coletiva com a turma | 50

Participação e colaboração da turma no processo de elaboração e montagem da exposição | 58

Informações gerais

Estrutura do cronograma de formação

10 aulas com 5h de duração cada

10 dias de ateliê aberto

51 dias de exposição

Eixos temáticos

Percursos

Corpos

Materialidades

Conceitos

Agenciamentos

Educadores

Pâmela Carvalho

Camilla Rocha Campos

Sallisa Rosa

Rafa Éis

Luiza Mello e Marisa Mello

Turma

Camila Camíz (Agrade Camíz)

Alex Reis

Anderson Barreto

Andressa Núbia (Darah Núbia)

Arcasi Lopes

Teodora Aya Ibeji

Beatriz Brito

Christine Jones

Cruz

Gabrielle Dos Santos

Guilhermina Augusti

Irmãos Brasil

Jade Maria Zimbra

Mulambö

Kamila Camillo

Lucas Assumpção

Lucas Araújo

Lucas Ururah

Manaíra Carneiro

Nzaje

Rack

Allanis (Rainha F.)

Ramon Silva

Talita Nascimento

Thiago Saraiva

Elã | O nome que a gente dá as coisas

Avaliação Pedagógica

Educativo do Galpão Bela Maré

Jean Carlos Azuos

Érika Lemos Pereira

Métodos e abordagens

Descrição

Análise crítica e comparativa de cada professor realizada por meio de observação presencial.

Principais objetivos

Avaliar pedagogicamente as aulas e estratégias de cada professor e os respectivos impactos gerados na turma.

Eixo 1 | Percursos

Educadora | Pâmela Carvalho

1º Encontro

Após as apresentações formais do projeto, a educadora apresentou brevemente a temática do módulo, compartilhando com a turma a intenção de apresentar o território e convocando os artistas a se deixarem afetar por ele, em suas palavras “deixar o território trazer questões para gente”. Na sequência a educadora contou seu percurso até chegar a Maré e a Elã, compartilhando sua trajetória de vida e principais escolhas que a levaram até ali hoje, a narrativa mesclava informações pessoais e profissionais. Como proposição de apresentação a educadora pediu para cada artista apresentar seu próprio percurso, tanto de vida até chegar aqui, quanto o caminho geográfico que cada artista percorreu para se deslocar de casa até o Galpão Bela Maré, provocando cada um a pensar em como seu corpo responde a estes deslocamentos, nas duas dimensões.

Cada artista se apresentou e a medida em que todos falavam as narrativas pessoais se sobressaíram, deixando aos poucos de contemplar o debate sobre o deslocamento na cidade, ainda assim, a discussão territorial permaneceu, pois cada artista percebeu ser importante informar onde nasceu, os lugares onde residiram e onde moram atualmente. Esta estratégia de compartilhamento fez emergir da turma muitos pontos de identificação imediatos entre os artistas. Seja pelas condições de produção, acesso ao circuito da arte, histórias de vida, escolhas, ou proximidade geográfica. As

apresentações no geral levaram muito tempo, o que acabou prejudicando tanto o planejamento da aula quanto os últimos artistas que dispuseram de menos tempo de fala.

Após as apresentações a turma foi conduzida a conhecer parte da Maré por meio de uma caminhada com duas paradas, em cada uma a turma entrou em contato com um agente cultural que atua no território. A primeira parada foi no Observatório de Favelas, onde a turma conheceu o fotógrafo Bira Carvalho, morador da Maré. Bira estava na ocasião participando de uma apresentação do grupo de pesquisa da PPGARTES, reunião na qual nos juntamos. O pesquisador e artista Francisco Valdean, também morador da Maré, doutorando do programa, apresentava as fotografias de Bira ao grupo. O encontro com o grupo não estava previamente programado, o próprio fotógrafo amarrou a situação. Durante a apresentação Bira provocou o grupo de pesquisa com um debate ético em relação à exposição das suas fotografias. O debate girou em torno da negativa do artista em expor algumas de suas fotos, que apresentam o cotidiano da Maré, em um evento acadêmico com nome, advindo de uma tradução de um conceito de Judith Butler, *Vidas Precárias*. Bira ressaltou o cuidado que deve ser tomado ao expor suas fotos, para não desrespeitar o vínculo de confiança que estabeleceu como artista com o território. David, que acompanha a Elã como fotógrafo, e também atua no território, apresentou alguns trabalhos.

No segundo ponto de parada no território os artistas conheceram o Grupo de Capoeira Ypiranga de Pastinha, um centro cultural onde acontecem projetos de ensino de capoeira de Angola. Na ocasião a turma acompanhou parte da aula para crianças. O idealizador e professor Mestre Manoel contou sobre o projeto e nos apresentou o

centro de memória com diversos registros e documentos históricos referentes ao Centro cultural e à história da capoeira de Angola no Brasil. Durante o encontro Mestre Manoel ressaltou a importância política de atuar com educação na Maré, compartilhando sua visão de responsabilidade social com os alunos do projeto que compreende uma atuação muito para além do ensino da capoeira ou das percussões. O compromisso pedagógico empregado no projeto foi apresentado pelo Mestre como um compromisso histórico de perpetuação da cultura popular na qual se insere a capoeira de Angola, ao mesmo tempo um compromisso social ao ensinar valores de convívio, respeito e auto desenvolvimento aos alunos. Estes são, na visão do próprio Mestre Manoel seus principais objetivos. Outro compartilhamento importante foi a relação entre as construções e escolhas estéticas da capoeira de Angola e os contextos culturais históricos enfrentados por esta prática. Mestre Manoel detalhou alguns exemplos de como a cultura de resistência da capoeira de Angola resultou em movimentos e costumes praticados e perpetuados até hoje.

2º Encontro

O segundo encontro do eixo Percursos se iniciou com a retomada de pontos importantes do primeiro encontro. A educadora Pâmela Carvalho dividiu com a turma de artistas suas intenções com as escolhas que fez para o planejamento do primeiro encontro, e como essas escolhas se relacionam com seu próprio percurso como educadora, pesquisadora e artista. A educadora ressaltou a importância da escolha de pessoas de negras e mais velhas para compartilhar suas práticas e histórias acentuando o cuidado de sempre que possível fazer referência aos mestres.

Continuando o percurso pelo território Pâmela apresentou à turma mais dois pontos. A Lona Cultural da Maré, e o Estúdio Rato Preto.

O Estúdio Rato Preto foi apresentado pelos artistas Cruz e Rack, ambos integrantes da Elã, o local além de espaço de trabalho é também a residência dos artistas. Cruz e Rack compartilharam seus cotidianos de trabalho e parte de suas poéticas apresentando as obras que se encontram a vista pelo estúdio. Os dois dividiram com a turma os desafios de seguir com a carreira artística sendo moradores da Maré, como se relacionam com o território e como procuram promover eventos no estúdio, ressaltando a importância da criação de espaços de arte independentes idealizados e frequentados por moradores da Maré. Os trabalhos do estúdio suscitaram um debate a respeito da inserção e das referências da história da arte, se é possível construir um caminho alheio aos cânones. O debate mobilizou bastante a turma, que pareceu atenta a este tópico como uma escolha de posicionamento político frente ao circuito hegemônico da arte.

A turma deixou o estúdio em direção ao último ponto do território, a Lona Cultural da Maré. A educadora Pâmela, que coordena a lona, apresentou o espaço e compartilhou os projetos que tem realizado com diferentes públicos e parceiros, sempre na perspectiva de valorização dos agentes locais e democratização do acesso à cultura para os frequentadores, que em sua extensa maioria são moradores da Maré. O debate iniciado no estúdio precisou ser interrompido para dar continuidade ao planejamento da aula. Este foi até então o primeiro espaço aberto para debate e demonstrou uma complexidade de visões da turma que não necessariamente se posiciona artística e politicamente toda da mesma forma. A relação com as instituições

de arte se revelou como um importante tema a ser debatido, tendo em vista as múltiplas experiências, leituras e expectativas que se revelaram. Neste pequeno espaço de debate explicitou-se também a ausência de compreensão dos espaços de formação de arte, incluindo a própria experiência da Elã, como instituições de arte, e como parte também do circuito artístico, o campo institucional da arte foi compreendido na maioria das falas dos artistas como espaços de exibição, coleção e comercialização de obras de arte.

Após o debate foi realizada a proposição de criação de objetos-percursos. A partir da compreensão de percurso trabalhada nas duas aulas os artistas foram convidados a criar objetos que representassem seus próprios percursos e apresentá-los à turma na sequência. Para criar os objetos os artistas dispunham de materiais pré selecionados pela educadora, no geral materiais de papelaria, barbantes e fios de lã, tintas em spray e alguns elementos naturais como pedras, folhas e gravetos. Também foram disponibilizados os equipamentos audio visuais presentes na lona, rádio e projetor. A proposta teve uma ótima aderência da turma que se dedicou à construção do objeto-percurso.

Como não houve um combinado prévio em relação ao tempo de apresentação de cada artista, aconteceu uma má distribuição dos tempos de fala que foram auto organizadas pela própria turma. Cada artista apresentou seu objeto fazendo relações com sua história de vida e suas escolhas estéticas relacionando-as com o impacto da experiência do território, seja em uma dimensão visual, social ou afetiva. Por meio das apresentações foi revelado ao grupo também, pela primeira vez, um pouco da poética de cada artista. É importante ressaltar que este foi um exercício de construção artística

que dispunha de materiais limitados e portanto uma prática que por vezes levou alguns artistas a experimentarem suas poéticas em suportes não usuais. Ainda assim foi uma oportunidade de integração e troca onde foi possível se aproximar do discurso e das escolhas de cada um.

Estes foram os conceitos acionados pela fala dos artistas durante as apresentações:

Cuidado; fronteira; ocupar os espaços; deslocamento; travessia; transmutar; assombrar as coisas; cruzamento; negritude; ancestralidade; casa; tradição; ancestralidade negra; caminhar; afetações; entorno; colaboração; fluxo; circulação; proteção; coletividade; janelas; pontos de vista; mitologia africana; atravessar barreiras; conexão; cíclico; circularidade; espiral; bifurcação; divisão; meio; rompimento de barreiras; provocação; acidente; perigo; corpo; sustentar; fugir; afastar; caminho; árvore genealógica; grade.

O primeiro eixo de formação da Elã teve um importante papel de criar situações de apresentação e movimentos de reconhecimento e aproximação dos artistas entre si e dos artistas com o território. O nome do eixo foi desdobrado conceitualmente para abarcar e costurar tanto a história de vida dos artistas como a experiência de convívio com o território da Maré. O termo percursos foi então convocado numa dimensão de caminho de vida percorrido trazendo a tona o lugar social dos artistas ao se apresentarem, o exercício de associar o lugar social com as escolhas artísticas e espaços de circulação impactou conceitualmente a formação em todos os eixos até o final dos encontros. A partir desta característica os artistas de imediato criaram um senso de identificação entre si, mesmo que em vários momentos a diversidade da turma tenha se explicitado. Esta similaridade que se sustentou ao longo dos encontros

gira em torno das condições de acesso ao circuito artístico hegemônico, cada artista dentro de sua especificidade, viu na turma alguma condição que historicamente os localiza em uma condição de marginalidade frente ao campo hegemônico da arte, condição assumida discursivamente como periférica, embora seja um termo usado sempre com ressalvas.

A apresentação do território por meio de agentes culturais também foi uma escolha que marcou o rumo dos encontros de formação até o final. A Elã se apresentou aos artistas em seu primeiro eixo sublinhando as implicações políticas e éticas de atuar situadamente, na relação com seu território, e convocou os artistas a reflexão política sobre a importância de ocupar este espaço de formação artística nesta escola com estas características, nas palavras de Pâmela “levar nossas questões para o território e deixar o território trazer questões para nós também”. Entrar na Maré e circular por outros lugares além do Galpão, foi um importante exercício de complexificação do território para além das dimensões narrativas. Para de fato incorporar esta implicação ética e política convocada pelo território não basta estar na Maré, é preciso conhecer a Maré. Por mais que seja apenas por dois encontros e com poucos pontos, tendo em vista o tamanho do Complexo da Maré, ainda assim foi um gesto marcante e importante. Este gesto se intensifica na medida em que essa implicação é convocada não só pela educadora como pelos outros agentes culturais apresentados. Ao conhecer seus trabalhos artísticos e educativos os artistas puderam presenciar como esta implicação toda se materializa em potência de atuação.

Ao final do eixo a proposição de criação foi uma oportunidade de trabalhar todas as questões de forma empírica, equacionando discurso e ação. O formato dos encontros

Elã | O nome que a gente dá as coisas

Avaliação Pedagógica

foi muito dinâmico priorizando a apresentação dos conteúdos por meio de experiências vivenciais e práticas com apresentação de espaços, artistas e educadores que foram agregados pela turma como novas referências. Analisando os conceitos acionados nas apresentações fica muito evidente o impacto dos encontros e dos debates suscitados na fala dos artistas.

Eixo 2 | Corpos

Educadora | Camilla Rocha Campos

1º Encontro

A educadora Camilla iniciou a aula com uma provocação pedindo para que cada um presente na roda dividisse com a turma como ele chega para essa aula. Camilla buscou com esta introdução levantar aspectos sobre o estado do corpo de cada um, como ele se encontra neste momento. Os participantes no geral compartilharam seus ânimos, o que os têm afligido nos últimos dias e como seus corpos respondem às expectativas da aula e da Elã. Essa estratégia de apresentação não só começou a introduzir o tema como criou um ambiente de intimidade entre a educadora e a turma fundamental para o tom de suas aulas, que prosseguiram com muitos exercícios de auto-reflexão.

O corpo foi evocado em sua dimensão histórica na proposição que deu sequência às apresentações. Após uma leitura individual e silenciosa do poema *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo, os artistas escreveram até três palavras em cartolinas dispostas no chão no meio da roda. As palavras mais marcantes do poema na visão de cada um. A partir desta leitura a turma seguiu em debate pensando a importância da palavra, e para além da palavra, a importância da voz. Ao trazer à tona a voz como suporte da palavra, Camilla convocou o corpo ao centro do debate, corpo este qualificado pelo poema de Conceição Evaristo enquanto portador de memórias ancestrais e também desperto para a consciência da transformação e da mudança.

Da discussão emergiram muitos depoimentos que expunham cicatrizes pessoais, quase sempre ligadas aos lugares sociais ocupados por quem se pronunciou. O corpo foi entendido, a partir do debate, como principal terreno deflagrador e destinatário destas marcas sociais históricas. A relação com a historicidade carregada por cada corpo foi debatida e também questionada no que tange ao conceito de tradição. Pensando na produção contemporânea e no exercício de rompimento de paradigmas sociais que pode ser praticado pelas linguagens artísticas, os artistas se questionaram a respeito do valor e do papel das tradições. Diante do desejo de invenção do novo como se relacionar com os saberes tradicionais de forma respeitosa? Como assumir essa historicidade carregada no corpo enquanto potência, sem com isso minguar o ímpeto da transformação? Este questionamento colocou a turma de frente com a responsabilidade de posicionar-se em relação ao que escolhemos perpetuar e ao que desejamos romper, e do desafio de disputar o conceito de tradição com o conservadorismo. Camilla introduziu ao debate o conceito de epistemicídio.

Partindo deste link a segunda referência teórica foi apresentada a turma para um novo debate. O texto *Quem pode falar?* do livro *Memórias da plantação* da autora Grada Kilomba. A educadora apresentou o texto antes da leitura chamando atenção para questões como *quem pode falar?* e *quem pode construir subjetividade?* Para esta leitura Camilla propôs outra dinâmica, voluntariamente cada artista leu um trecho em voz alta na sequência do texto e a turma comentou livremente após cada leitura. Reverberando o conceito de epistemicídio introduzido no debate anterior o texto de Grada Kilomba deflagrou como a linguagem é uma ferramenta de invisibilização de grupos culturais oprimidos, como as palavras carregam sistemas de valores que perpetuam essa opressão mesmo em situações aparentemente corriqueiras e

naturalizadas. O texto também suscitou uma discussão em torno da importância política incutida nas escolhas estéticas, explicitadas no texto por meio das escolhas das palavras e como elas carregam peso simbólico e histórico, mas esgarçada no debate para todo gesto poético, independente da linguagem. Camilla chamou atenção para a construção de estratégias para se proteger ao acessar e redistribuir os traumas.

Finalizando o encontro a educadora provocou a turma a trazer sua voz e suas palavras ao centro das rodas como compromisso estético e político. Na sequência pediu que cada artista escrevesse em um papel o que o encontro o provoca a falar. Os papéis foram dobrados e guardados para o próximo encontro.

2º Encontro

O segundo encontro do eixo Corpos aconteceu no espaço Capacete, centro cultural localizado no bairro da Glória. O cuidado foi o tema ativado ao longo do dia por meio de referências teóricas. Diversas formas de se posicionar politicamente abordando os traumas, no sentido histórico e social, foram debatidas levando em conta a dimensão da auto proteção necessária ao tocar estas questões. Essa temática dialoga diretamente com a poética de alguns artistas da Elã como Jade Maria Zimbra, Anderson Barreto e Thiago Saraiva, que tem pesquisado o cuidado e a cura, seja em dimensões ritualísticas, simbólicas ou pessoais, no contato direto com seu próprio corpo e vivências ou no contato com o outro.

Após o primeiro debate, os artistas apresentaram objetos que haviam sido solicitados pela educadora por e-mail, o chamado dizia para apresentar à turma algo que pudesse

enquanto força e presença somar ao encontro. Todos que aderiram a proposição levaram objetos de cunho pessoal, objetos que de alguma forma revelavam aspectos da suas histórias. O que demonstra a incorporação dos debates do encontro anterior, tendo em vista que o chamamento não explicitava essa característica. Foi possível observar um desejo dos artistas em compartilhar essas personalidades e criar com os objetos um campo de força simbólica em um exercício de auto reflexão. Todas as peças foram reunidas ao centro com os participantes em volta, cada artista voluntariamente apresentou seu objeto.

Guilhermina - Comprimidos para o estômago. Comentou sobre seu cotidiano árduo e o impacto sobre seu corpo físico.

Lucas Araújo - Chaveiro do ex e isqueiro. Ele compartilha seu exercício de coletar objetos variados para realizar obras, os objetos carregam histórias de onde passaram e de quem os pertencia.

Andressa Núbia - Pente garfo. Comentou sobre o uso cotidiano do pente para arrumar seu cabelo black power e como este gesto a conecta com sua família e seu continente mãe, África.

Anderson Barreto - Pequena escultura indígena chilena. Comentou sobre a importância dos objetos carregarem histórias, principalmente quando se trata de culturas e corpos silenciados, a escultura representa um povo indígena dizimado.

Rack - Pequeno caderno de anotações. Comentou sobre sua dificuldade de escrever e como este é um problema que perpassa toda sua família. Ao mesmo tempo escolheu o caderno por ser onde deposita suas ideias e com isso ele acredita que o objeto carrega uma energia de criação.

Beatriz Brito - Livro *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus. Comentou sobre sua recente pesquisa em termos de representatividade negra e como isso tem acionado questões novas sobre seu próprio comportamento por ser uma pessoa tímida.

Jade Maria Zimbra - Quartzos verde. A artista apresentou seu interesse no cuidado/cura ancestrais manifestos como matéria e como sabedoria técnica de manipulação desta matéria. Atentou para a valorização da cultura de terreiro e da relação com a natureza.

Cruz - Chave de casa. Comentou sobre sua relação com sua casa onde produz e com seu território, a Maré.

Alex Reis - Fotografia dos pais. Comentou sobre sua dificuldade de acessar memórias de família e como isso impacta em sua construção de subjetividade.

Lucas Ururah - Skate. Comentou como o skate é para ele um símbolo de mobilidade. Sendo morador de Sepetiba, o skate foi o disparador de sua relação com o Rio de Janeiro. Simbolicamente também representa a relação entre o medo e a coragem.

Após as apresentações a turma retornou para mais um debate com texto. A importância da coletividade foi abordada como estratégia de cuidado a partir do texto *As ilusões do cuidado* de Bonaventure Soh Bejeng Ndikung. O cuidado foi compreendido enquanto uma prática social e coletiva, que pode ser manifestada de forma concreta com ações efetivas e impactos reais, para além do campo simbólico. Tal prática é convocada pelo texto como enfrentamento e alternativa à cultura ocidental calcada na posse e no domínio. Como último exercício a turma leu os textos escritos no encontro anterior e escreveu novamente que tipo de atravessamento o encontro provocou.

O segundo eixo da Elã abordou o corpo em suas dimensões discursivas. O corpo histórico, o corpo político, o corpo coletivo, o corpo subjetivo. Os encontros buscaram auto reflexões e fomentaram uma tomada posicionamento crítico dos artistas diante da latência dos discursos que já habitam seus corpos. A educadora partiu de referências decoloniais e afrocentradas, marcando seu lugar de fala. A condução dos debates e os exercícios de desdobramento dos textos possibilitaram a expansão dos temas apresentados pelos autores. Camilla criou um ambiente de segurança e intimidade com abertura para cada artista construir e acessar questões próprias, que nem sempre perpassaram pelas relações raciais. A todo momento a educadora se dirigiu a turma como coletivo, usando a primeira pessoa do plural, nós, compreendendo que as referências partiam de reflexões raciais mas com objetivo de lidar com todos os discursos subalternizantes e seus atravessamentos, o que reforçou ainda mais a identificação da turma, sem deixar de reconhecer as particularidades e diferenças presentes.

As aulas contribuíram para a tomada de consciência sobre a discursividade que cada corpo carrega, e sua implicação coletiva e social. Como nossos corpos carregam a história de outros corpos, seja por nossa cor, nosso gênero, nossos gestos, nossa voz. Mais do que este exercício de reflexão, as aulas apresentaram uma possibilidade de ação que avança a partir desta compreensão. O cuidado e a cura foram introduzidos e trabalhados com sentido maior do que de autopreservação, foram evocados e potencializados como ferramenta de enfrentamento aos discursos normatizadores dominantes, chamando também a atenção para a responsabilidade de reposicionar-se frente a estes discursos, ou seja ressaltando a importância de ações que vão além das denúncias.

Eixo 3 | Materialidades

Educadora | Sallisa Rosa

1º Encontro

A educadora Sallisa Rosa abriu a aula se apresentando à turma como artista indígena, compartilhou logo de início seu papel dúbio frente ao circuito artístico no que tange à sua identidade cultural. Por ser indígena urbana, Sallisa tem sua identidade constantemente questionada o que dá a artista um caminho bastante singular no circuito. Ora questionada por suas referências indígenas, ora questionada por adotar linguagens ocidentais. Na sequência a educadora pediu para cada artista se apresentar comentando sobre sua pesquisa, com foco nos suportes e meios com os quais vem trabalhando. Cada artista apresentou brevemente sua pesquisa, em alguns casos foi possível notar a mudança de discurso motivados pelos debates dos encontros anteriores, principalmente nos artistas que trabalham a partir ou sobre o corpo, uma ampliação da compreensão sobre o que é suporte ficou evidente na apresentação dos Irmãos Brasil, por exemplo. Uma valorização ainda maior da cultura negra e a maior incorporação da ancestralidade como matéria de trabalho também pode ser observada na fala de muitos artistas.

Após as apresentações a educadora introduziu a temática do eixo e como seria sua abordagem, afirmando que não tem formação artística convencional e por isso não pretende ensinar técnicas de forma alguma. Sallisa dividiu com a turma suas definições de arte e suas estratégias de escolhas que, por sua formação cultural, partem de outras formas de se relacionar com os objetos, construindo por vezes outros tipos de

simbólicos que compreendem, inclusive, uma instância que chama de mágica. Em sua compreensão arte é antes de tudo um caminho. Um processo que está atrelado a vida, sem separação, para a artista e sua cultura a arte permeia tanto a vida que em sua língua, por exemplo, não existe tradução para esta palavra, assim como não existe na maioria das línguas indígenas. A materialidade tem para ela valores culturais tradicionais que se diferenciam da arte ocidental. A carga simbólica já está atrelada à matéria em sua visão, não se trata portanto de um deslocamento conceitual, e sim de um respeito a ancestralidade, e criar arte parte também do desejo de compartilhar esse sistema de códigos e valores. Por tanto não há separação entre arte, culto, ensino, trabalho.

Após situar a turma em seu sistema de códigos, que por si só já gerou questões ricas para o debate, a educadora partiu de sua experiência recente de residência artística na Bolsa Pampulha para conduzir as reflexões e debates da aula. Durante a residência Sallisa provocou a instituição ao propor como obra o ato de plantar mandioca coletivamente. Além do plantio, a artista propôs uma mandioca como obra a ser incorporada a um acervo de instituição pública de arte como produto da residência. A materialidade neste caso é compreendida desta forma alargada. Sallisa falou à turma da importância do gesto de plantar mandioca para sua cultura, como carrega traços históricos e políticos que reencarnam a luta e a resistência cultural indígena. Para além de um simples gesto simbólico a obra instaura uma coletividade e vivência que se dá durante o ato praticado coletivamente. Ao narrar os momentos manifestos em presença durante os plantios Sallisa expande e desafia com a turma a definição de materialidade, em um conceitualismo estético que une espiritualidade, tradição e

valores simbólicos interculturais, na medida em que se abre ao diálogo, tanto durante a obra quanto ao retomar a experiência em narrativa.

A oferta da mandioca como obra aqueceu com a turma um debate em torno dos limites institucionais, tendo em vista a dificuldade alegada pelas instituições em conservar este tipo de objeto em seus acervos. Sallisa tensiona esses limites ao expor a ineficácia das instituições ao lidar com perspectivas não ocidentais de relação com os objetos. A mandioca de Sallisa expõe duas compreensões de preservação, uma praticada pelos acervos que consiste em guardar objetos, e outra praticada pela artista por meio da vivência que conserva valores culturais. Aparentemente o discurso de Sallisa pode parecer desvalorizar o objeto frente ao ato em si, o que poderia soar contraditório à temática da aula. Contudo neste estudo de caso foi justamente o objeto que disparou as crises colocando o sistema ocidental de valoração dos objetos em perspectiva .

Partindo destas reflexões o debate levou a questionamentos sobre os limites institucionais do Galpão Bela Maré por parte dos artistas. Dúvidas e enfrentamentos a respeito de posicionamentos antigos da instituição e também sobre possíveis censuras ou restrições referentes ao teor das obras que os artistas futuramente exporiam na exposição final da turma foram levantadas. Temáticas como violência e nudez foram diretamente abordadas. O educativo, que no momento representava a instituição, levantou importantes pontos a respeito dos públicos que frequentam o Galpão, convocando ao engajamento com as pessoas, que não necessariamente significa um tutelamento ou direcionamento da produção artística de cada um, lembrando aos artistas da possibilidade que a experiência da Elã proporciona que consiste em conhecer a instituição antes de expor nela. Sallisa também chamou a atenção da turma

para contrapartidas que podem ser criadas para os públicos, tendo em vista esse engajamento. Ao final do encontro a turma realizou um exercício de observação e coleta de objetos na rua. A prática individual ajudou a interiorizar o encontro e os conteúdos discutidos, lançando novos olhares sobre as coisas e seus lugares de uso.

O primeiro encontro do eixo materialidades politizou as escolhas dos suportes das obras. A educadora apresentou novos pontos de vista e definições para o campo da arte, numa mirada decolonial, a partir de sua cultura e seu lugar social de indígena urbana. A materialidade foi compreendida como possível campo de disputa social, política e cultural. A partir do problema trazido em seu estudo de caso, a educadora conduziu um importante debate sobre institucionalidades e como operar tensionamentos a partir de escolhas estéticas. Mais que provocar, a educadora convocou a turma a atuar contra hegemonicamente dentro da instituição. Sallisa apresentou uma via de crítica que passa por conhecer os códigos institucionais para daí provocá-los. Essa fala foi importante para apresentar novas frentes críticas, tendo em vista uma postura anti institucional muito recorrente entre alguns artistas da turma observada desde o primeiro encontro. É importante não cercear o teor crítico da turma, orientações como esta ajudam a elaborar este ímpeto crítico para além das falas e ações que por vezes tomam contornos ingênuos.

2º Encontro

Para o segundo encontro do eixo materialidades a educadora solicitou que os artistas organizassem uma apresentação para compartilhar seus processos criativos, o que têm trabalhado nos últimos tempos suas referências, as apresentações poderiam

ocorrer em qualquer formato. Durante as apresentações Sallisa fez comentários agregando conceitualmente as escolhas de cada artista e apresentando referências que dialogam com as pesquisas, a turma também fez contribuições. A materialidade foi o mote das observações e das falas. Por volta de metade da turma conseguiu se apresentar por conta do tempo, o que gerou uma situação delicada pois não houve arranjo possível para organizar outro encontro para os demais artistas se apresentarem, ainda que a educadora tenha se disponibilizado a retornar para o fechamento.

Mesmo que apenas parte da turma tenha conseguido mostrar suas pesquisas, o encontro foi muito importante para criar novas aproximações entre os artistas. Foi a primeira oportunidade dentro da Escola dos artistas conhecerem os trabalhos uns dos outros. Até então as pesquisas foram apenas citadas narrativamente em suas temáticas. Ver os trabalhos ajudou a criar outros arranjos e relações entre a turma que pode se identificar criando novas redes a partir de poéticas afins.

Eixo 4 | Conceitos

Educador | Rafa Éis

1º Encontro

O primeiro encontro do eixo se iniciou com uma investigação em torno da palavra conceito. O educador propôs que cada artista contribuísse com palavras e definições em torno do termo em cartolinas espalhadas pelo chão com carvão. A proposta ajuda a criar uma base comum de discussão, conhecer as distâncias e proximidades das compreensões, discutir, debater e negociar limites que interessam a turma. Este é um bom exercício de coletividade que fortalece o grupo, compartilhar usos de conceitos e formular definições coletivamente são exercícios de aproximação estratégicos para o fortalecimento de rede. Conforme a proposição foi sendo realizada alguns artistas empenharam gestos mais performáticos sobre o suporte disponibilizado. Os artistas demonstraram desejo em manifestar seu discurso de forma menos narrativa com gestos por vezes impetuosos. Isto levou ao levantamento de um debate no qual a turma questionou o educador sobre a importância do conceito para a criação artística. Confrontado após afirmar a importância dos artistas, sobretudo os periféricos, dominarem os discursos que circulam hegemonicamente no circuito artístico, o educador provocou o grupo a pensar na produção de contradiscursos e de estratégias de movimentos que surpreendam o óbvio, subvertendo o que é esperado deles, pontuou exemplos próximos como Rafael Bqueer e Yhuri Cruz.

Dando sequência ao debate Rafa Éis apresentou uma série de referências teóricas de autores negros, com exceção de um texto de Hegel, neste caso o texto foi usado como

exemplo do tipo de construção de discurso histórica que fortaleceu uma visão pejorativa e racista na construção da intelectualidade ocidental. A metodologia de compartilhamento das referências foi a distribuição de fragmentos a serem lidos em ordem aleatória. Dentre os autores se encontravam Hakim Bey, Patricia Hill Collins, Djamila Ribeiro, Hegel, Renato Nogueira, Yhuri Cruz, Djonga, Lélia Gonzalez, Bell Hooks, Abdias Nascimento e o próprio Rafa Éis. Destacarei o trecho que mais rendeu para o debate e que de alguma maneira conduziu a leitura dos outros.

“Quando começaram a jogar o futebol por aqui, os negros não podiam derrubar, empurrar, ou mesmo esbarrar nos adversários brancos, sob pena de severa punição: os outros jogadores e até os policiais podiam bater no infrator” (Soares, 1999, p. 134-135). Pois bem, diante desse cenário a hipótese que se popularizou foi simples, jogadores negros precisaram encontrar novos espaços e maneiras de conduzir a bola que evitassem que eles esbarrassem nos brancos e fossem punidos. Como os jogadores negros não podiam tocar nos jogadores brancos, a hipótese foi o surgimento do drible como alternativa para que os jogadores negros pudessem se movimentar em campo. O drible, neste caso, é uma invenção negra. No entendimento de Mário Prata (1998), o drible é uma determinada transposição dos passes e ginga do samba para o interior das quatro linhas do jogo de futebol.”

Renato Nogueira

A ideia de drible seguiu como norteadora da discussão conduzida pelo educador em torno das estratégias possíveis de posicionamentos e discursos que contornem as estruturas hegemônicas de valor que beneficiam artistas brancos, héteros, cis e privilegiados e suas epistemologias. Um convite a resignificar os conceitos e trabalhar novas referências compreendendo como ação ativista o gesto de renomear ou resgatar conceitos a partir de novas centralidades oriundas de culturas não dominantes.

2º Encontro

Para o segundo encontro o educador propôs um exercício de escuta ativa a partir das obras dos artistas da turma. Cada um escolheu um trabalho para expor a turma, seja com a presença física do objeto, seja como apresentação no projetor, era importante para o exercício que a obra se apresentasse como imagem a ser observada, sem descrições prévias. A partir da observação da obra cada participante escreveu uma palavra em um pequeno papel a ser entregue ao artista. A turma se encontrava em círculo e o artista da vez se posicionava a frente de todos e ao lado de seu objeto ou imagem. A dinâmica aconteceu silenciosamente, sem nenhum tipo de apresentação. Ao final a turma, os artistas e o educador comentavam as palavras. O encontro seguiu até que todos os artistas participassem. Ao longo do dia houveram algumas adaptações para ajustar o tempo de discussão empenhada para cada obra.

Apesar da recorrência de apresentações das obras e pesquisas dos artistas, esta dinâmica operou um deslocamento importante. O discurso desta vez partiu das obras primeiramente. A observação sem filtros de linguagem verbal põe à prova as intencionalidades e a densidade crítica das obras. Os artistas entram em contato com novos olhares sobre suas criações amadurecendo suas poéticas de forma coletiva. Este exercício mais uma vez fortalece a turma enquanto coletivo fomentando a criação de uma cena artística pois constrói leituras críticas que tiram proveito da diversidade que compõe o grupo e ao mesmo tempo propõe debates que negociam e compartilham essas leituras criando alguma unidade e identidade.

Elã | O nome que a gente dá as coisas

Avaliação Pedagógica

O eixo Conceitos ratificou a postura decolonial até agora trabalhada pela Elã e provocou os artistas na implicação de seus discursos nas obras. Esta foi uma importante virada para os debates ocorridos até então, pois retoma a importância das obras, depositando nelas a responsabilidade de portar ou dar abertura para a criação de qualquer discurso.

Eixo 5 | Agenciamentos

Educadoras | Luiza Mello e Marisa Mello

1º Encontro

As educadoras do eixo Agenciamentos colaboraram com o projeto da Elã desde sua idealização por meio da Produtora Automática, parceira junto ao Galpão Bela Maré e EAV Parque Lage neste projeto. A primeira aula do eixo foi deslocada para o Parque Lage, o que acarretou no esvaziamento da turma por parte dos artistas, tal qual a aula realizada no Capacete. A partir de uma demanda identificada pelas educadoras ao longo do projeto, a primeira aula abordou como tema a definição, criação e usos dos portfólios artísticos. Contudo, antes de desenvolver o tema principal as educadoras mapearam junto a turma o conceito de agenciamento e seus empregos no campo das artes visuais.

O debate inicial começou com o indagamento do significado da palavra agenciamento. Algumas definições foram trazidas com base no verbete de dicionário e em uma perspectiva sociológica do termo. A definição mais aceita e debatida girou em torno da ideia de um trabalho realizado, pelo próprio artista ou por um agente externo, para aumentar a visibilidade e acesso das obras em um ou mais circuitos das artes, uma metáfora usada foi a iluminação, ou seja, agenciar seria de alguma forma lançar luz ao trabalho de um artista, nesta perspectiva tudo que se faz para circular as obras. Foi ressaltada a importância do conhecimento sobre os códigos do circuito para melhor realizar o agenciamento, mesmo diante do intuito de subvertê-los. Os artistas compartilharam suas estratégias de auto agenciamento bem como mapearam os

agentes agenciadores pelos quais seus trabalhos já circularam, compreendendo, inclusive, o papel das instituições, de ensino ou não, neste trabalho. Este foi um ponto nitidamente mais amadurecido de relação com as instituições, que até então foram descritas por parte da turma de maneira muito distanciada e por vezes caricata, sem contudo, perder o tom crítico que lhes é bem próprio e muito importante, tendo em vista o desejo expresso de toda turma por transgredir, ou ao menos transformar o circuito, no que se refere às estruturas dominantes de poder já postas.

O tema disparou importantes reflexões sobre mercado de arte e sustento. Os artistas manifestaram suas dúvidas sobre editais, galerias, coleções e outras formas de arrecadação financeira. O debate foi conduzido pelas educadoras de maneira bastante franca sem deixar de ser encorajadora, com generosidade na partilha de informações e experiências no campo. Estes temas despertaram bastante atenção e entusiasmo por parte da turma, de certa forma, essas curiosidades vieram a tona em praticamente todos os eixos anteriores. Neste encontro as institucionalidades e meandros próprios ao campo das artes visuais foram trabalhados pelas educadoras de forma direta e pragmática, sem perder o viés crítico característico das aulas. Os próprios artistas também compartilharam suas experiências e fontes de informação sobre abertura de editais, residências, chamadas para exposição, entre outros. O debate caminhou para o encerramento com a reafirmação da importância do artista buscar sua profissionalização em suas formas de se apresentar, o que não significa se enquadrar ou direcionar sua produção para o mercado.

Para introduzir a discussão sobre os portfólios as educadoras apresentaram uma série de exemplos com múltiplos formatos. A turma conheceu as apresentações de artistas

de diferentes linguagens e interesses. A medida em que os portfólios eram apresentados todos ressaltaram aspectos interessantes com ênfase nas escolhas do formato, e como, em alguns casos, se construiu um diálogo entre a apresentação e a poética. Ao longo da aula Marisa e Luiza introduziram algumas questões técnicas como a qualidade das imagens, o tamanho do arquivo, quantidade de texto, autoria dos textos, levando sempre em consideração que não existe um padrão a ser obedecido, mas algumas tendências podem ser observadas.

Na sequência, e já munidos de base referencial, a turma analisou os próprios portfólios enviados para a Elã na inscrição e usados para a seleção de suas vagas. Cada caso foi avaliado separadamente e coletivamente, a turma junto às educadoras ajudaram a criar novas soluções para aprimorar as apresentações. Foi possível notar mais intimidade da turma com as pesquisas de cada artista ali presente, o que enriqueceu muito as análises, cada artista teve seu portfólio analisado com respeito e compreensão às escolhas. As educadoras conduziram o encontro de forma acolhedora onde não houve aparente retraimento ou insegurança ao mostrar os portfólios, mesmo que alguns estivessem num estágio mais desenvolvido que outros. A partir das observações dos arquivos foi possível também chegar em exercícios importantes de auto compreensão das próprias produções como a criação de categorias dos próprios trabalhos, séries, edição da produção, o que é válido ser mostrado, ou seja, como realizar essa curadoria da própria produção.

A aula articulou tópicos de todos os eixos anteriores abrindo espaço para debates com implicações muito diretas no cotidiano dos artistas e exercícios críticos com muita aplicabilidade. As soluções foram construídas com respeito às diversidades,

identidades e intencionalidades de cada artista. As educadoras buscaram se relacionar com a turma com base na troca sem posturas hierárquicas sem deixar também de compartilhar sua longa experiência de atuação.

2º Encontro

O último encontro do ciclo formativo de aulas da Elã se dedicou à prática e ao pensamento expográfico em uma dimensão formativa compartilhando os códigos e fazeres necessários e já provocando ao encaminhamento de decisões referentes à exposição final do curso. Como estudo de caso as educadoras trouxeram algumas edições do Travessias, uma série de exposições de arte contemporânea realizadas pela produtora Automática no Galpão Bela Maré. As educadoras apresentaram todas as funções de todos os agentes necessários para a realização de uma exposição de grande escala, explicando a atuação de cada um em uma apresentação organizada que foi posteriormente compartilhada com a turma.

Além das funções, Luiza e Marisa também abriram as ferramentas de organização interna da produção dividindo detalhes como orçamento, etapas de pré e pós produção, logísticas, estratégias de comunicação e divulgação, organização de catálogo, captação de recursos entre outros. Os estudos de caso apresentaram um panorama conceitual e prático desde a idealização do projeto até sua conclusão. O educativo também apresentou suas etapas de trabalho, Jean, que colabora com diferentes funções desde a primeira edição do Travessias, contou como construíram estratégias de relação entre exposição e públicos e como a pesquisa e a prática foram se desenvolvendo ao longo das edições desde quando o educativo trabalhava por

projeto de exposição, até o estabelecimento da equipe continuada do Galpão Bela Maré, como existe hoje. A conversa situou os artistas no processo de realização de exposições, nos âmbitos institucionais, conceituais e de produção ampliando a consciência nas tomadas de escolhas futuras com maior domínio das etapas.

Dando sequência ao encontro as educadoras discutiram as possibilidades de montagem da exposição de acordo com os planos de cada artista. Diante de um teto de orçamento limitado algumas ideias foram debatidas em suas reais possibilidades de realização. Também se levantaram algumas ideias e acordos para a abertura da mostra.

O eixo Agenciamentos teve um importante papel de dar vazão a dúvidas e questionamentos que visivelmente afligiam a turma desde o primeiro encontro. Os compartilhamentos ajudaram a construir autonomia e amadurecimento dos artistas frente a circulação de suas obras auxiliando na tomadas de decisões e busca por inserção profissional, por meio de conteúdos com aplicabilidade direta na carreira. Os estudos de caso, tanto dos portfólios, quanto das exposições, seguidos de análises das práticas dos próprios artistas possibilitaram uma ampliação de repertório que levou aos artistas a identificarem seus problemas e levantarem possíveis viradas e soluções, em construções coletivas que novamente fomentam e fortalecem uma identidade dos artistas da Elã.

Interação e participação da turma

Descrição

Observação do desenvolvimento da turma durante as aulas levando em consideração os seguintes pontos: como se relacionaram com os temas e com os professores; que tipo de engajamento e entrega as aulas suscitaram da turma; como a postura da turma se modificou ao longo do projeto; como se distribuiu entre a turma a participação ao longo das aulas - existe um protagonismo marcado por alguns sujeitos ou todos se sentem a vontade para se manifestar?

Principais objetivos

Este relatório visa registrar o desenvolvimento da turma, quais são os principais desafios do projeto e que tipo de impacto na produção teórica, discursiva e artística pode ser observado ao longo das aulas.

Um grande desafio enfrentado desde o segundo encontro da Elã foi a frequência dos artistas durante as aulas. Tendo em vista a construção pedagógica processual, considero este o maior agravante do projeto. Foi notável a ausência de alguns sujeitos no decorrer das aulas o que dificultou a qualidade das discussões em muitos momentos e acarretou numa menor participação destes, ou numa desqualificação na formação mesmo quando estavam presentes. Muitos educadores utilizaram metodologias que partiam da construção e negociação de conceitos chaves com a turma, a perda destes momentos por vezes levou ao retrocesso de temas antes debatidos, prejudicando o andamento do processo de construção de pensamento.

A Elã tem como princípio oferecer formação para artistas em condições subalternas frente ao circuito hegemônico, o que torna a questão delicada. Por um lado podem existir uma série de justificativas plausíveis para tais ausências, e é também papel da Escola compreender que cada realidade produz uma possibilidade de frequência, por outro lado é válido ressaltar que existiram estratégias de permanência como bolsa auxílio, lanche e disponibilidade de espaço e tempo antes das aulas para trazer sua própria refeição. Ao longo dos encontros o educativo utilizou várias abordagens para sensibilizar a turma em relação ao comprometimento com o projeto, das mais sutis às mais diretas. Para evitar constrangimentos em nenhum momento os artistas foram diretamente, ou individualmente cobrados por suas faltas, por isso se desconhece a natureza dos motivos. Contudo é sabida a participação dos artistas em eventos simultâneos aos encontros, em não raros episódios. A pouca pontualidade também foi um fator dificultoso para os educadores no geral, o que acarretou em prolongamentos do tempo das aulas. É válido ressaltar que todos os dias os espaços estavam organizados pontualmente.

Um grupo grande, cerca da metade ou um pouco mais da turma se manteve praticamente em todos os encontros. Como nenhum artista de fato desistiu da formação, o que aconteceu foi mais da ordem da oscilação de frequência, não atribuo ao teor ou qualidade das aulas. Faltou-se por ser possível faltar sem se preocupar com nenhum tipo de cobrança, o que de fato não deveria ser uma preocupação do projeto tendo em vista que é uma formação voltada para adultos, contudo se tornou um grande desafio e por isso é válida, até necessária, alguma ferramenta de controle de frequência para não gerar injustiças entre os participantes e principalmente para não desperdiçar a oportunidade de outros artistas frequentarem a Elã. Entendo que exista um pudor no enrijecimento no controle da frequência, a rigor não combina em nada com a pedagogia da escola, contudo frente a uma oferta tão potente de formação gratuita com uma equipe que se esforça cotidianamente para permanência da turma se torna injusto que artistas menos comprometidos ocupem a vaga de potenciais participantes.

A relação estabelecida com os educadores foi muito potente. Em todos os casos a turma acolheu e foi acolhida estabelecendo trocas e interlocuções diretas e tranquilas, com espaços para dissensos e contribuições mútuas. Os artistas se sentiram convidados a compartilhar suas referências que foram ouvidas e trabalhadas ao longo dos encontros. Considero um ponto altíssimo da Elã a escolha dos educadores que compreenderam bem as especificidades dos artistas e mergulharam no desafio de construir com a turma uma prática e pensamento artístico crítico, anticolonial, descentralizado, disruptivo e contra hegemônico. A Elã ampliou o repertório de referências no campo da arte ao apresentar os educadores, quase sempre artistas, à

turma e os educadores ampliaram ainda mais seus repertórios com as referências teóricas e artísticas apresentadas nas aulas. Os educadores foram constantemente citados pela turma em diversos debates, com destaque para Sallisa Rosa, o que já demonstra a construção de uma relação de referência.

Ainda que a turma tenha se encantado com todos os conteúdos apresentados nas aulas foi possível notar em dois eixos uma frustração em relação ao formato, no eixo Corpos e no eixo Materialidades. Embora as duas educadoras tenham trabalhado com proposições práticas, uma em escrita e outra em percurso/caminhada, muitos artistas esperavam por exercícios menos discursivos, e formatos mais diversos de aula. Esta expectativa pode ter sido gerada pelas aulas do eixo Percursos que apresentaram dinâmicas e espaços variados. A aula seguinte, eixo Corpos, foi o encontro com maior espaço para referências teóricas textuais, o que gerou um quebra de expectativa, por conta do nome do eixo. O mesmo ocorreu com o eixo seguinte, Materialidades, criou-se um anseio por proposições de caráter menos discursivas que não foi cumprido. A frustração veio à tona na primeira aula do eixo Conceitos, quando os artistas, para a surpresa do educador, desenvolveram gestos bastante enfáticos durante suas proposição. Com muita desenvoltura Rafa Éis conduziu o debate dando vazão ao ímpeto crítico dos artistas, resultando em um encontro potente.

Ao longo dos encontros foi possível notar uma participação mais ativas de alguns artistas em comparação com outros, principalmente dentro do grupo que mais frequentou os encontros. Ainda assim houveram aqueles que frequentaram e pouco participaram e aqueles que pouco frequentaram mas participaram ativamente nos dias em que estavam presentes. Este é um desafio comum a todo grupo de formação, pois

diz respeito não só aos estímulos e proposições realizadas pelos educadores, mas também fatores individuais de cada artista como insegurança, timidez. É válido ressaltar que, em termos pedagógicos, participação é um espectro maior e mais complexo, ou seja, o fato de alguns artistas realizarem menos intervenções ou comentários não significa que não participaram ou que participaram menos. Isso pode ser atestado no fato de artistas que pouco falaram durante as aulas mas que frequentaram quase integralmente a Escola, além disso foi possível notar o engajamento nas proposições. Esse é o caso de Ramon Silva, Gabrielle dos Santos, Beatriz Brito, e Cristine Jones, oi por exemplo. Entretanto, essa não é uma argumentação que encerra o desafio de melhor distribuir as falas. Principalmente numa Escola que investe na potência da diversidade é muito importante que os debates se capilarizem e amplifiquem em mais vozes para enriquecer e encorpar ainda mais a formação. As metodologias das aulas são os espaços a serem trabalhados para enfrentar este desafio, ou ao menos provocar alguma fricção . Formatos de debates abertos tendem a criar protagonismos de fala daqueles que se sentem mais a vontade para falar. Não invalido o formato aberto, pois ele cria um fluxo interessante de construção de pensamento e costuma render boas reflexões rapidamente, contudo diante da tendência, que foi observada desde o primeiro encontro, à pouca distribuição das intervenções de fala pode-se investir em formatos de debate que convoquem os pronunciamentos com alguma organização mais assertiva. Essa diversidade e experimentação dos formatos é interessante não só para fomentar as falas como para criar mais engajamento e interesse da turma, criando sempre novos estímulos.

O teor dos conteúdos trabalhados nas aulas diversas vezes abordou questões como lugar social, lugar de fala e histórico de vida dos artistas, isso é totalmente coerente

com o projeto da Elã que investe na formação artística a partir dos sujeitos, e gerou reflexões importantes para a turma, ao mesmo tempo este investimento deve gerar uma atenção redobrada à alguns pontos. Pelo menos dois tipos de tendências geradas desta abordagem devem ser observadas. A primeira é a tendência à hierarquização dos lugares de fala, mesmo que toda a turma se identifique de alguma forma como sujeito subalternizado ou periférico frente ao circuito hegemônico da arte, existem dentro das histórias pessoais uma enorme gama de diversidade de condição social. Quando se abordam temas como trauma social, por exemplo, é necessário ficar atento à tendência de alguns sujeitos se desautorizarem a falar, cito como exemplo os artistas Manaíra e Lucas Ururah. Estes são temas centrais que caracterizam a Elã, e não devem deixar de ser abordados de forma alguma, o que aponto aqui são cuidados necessários a condução deste tipo de formação que por ser contra hegemônica necessita mesmo de cuidado e atenção redobrado aos sujeitos. É na condução da aula que se deve investir energia neste quesito, não nos temas. É necessário um estado de atenção contínuo no andamento da aula, embora os educadores tenham construído métodos e empregado abordagens generosas nas participações da turma com respeito à sua pluralidade, o fato de cada um só dispor de dois encontros dificulta esse tipo de diagnóstico por parte deles. Se faz necessário uma pessoa que conduza essa atenção em todas as aulas, independente do educador, alguém que auxilie nesta condução e atue junto ao educador e à turma com mais intimidade por acompanhar por mais tempo. Desta forma esse sujeito que acompanha a turma pode provocar mais atentamente determinados artistas com foco tanto na costura dos debates quanto nas participações.

A segunda tendência é o foco nas histórias pessoais e condições sociais em maior escala que na produção artística destes sujeitos. É muito importante a consciência de que quem fala algo, fala de seu lugar, e trabalhar este lugar de fala é imprescindível para qualificar os discursos dos artistas, discursos estes que os ajudarão a criar estratégias de inserção de sua produção de forma madura e responsável, com menos riscos de cair em armadilhas conceituais ou mercadológicas. A Elã atuou de forma muito potente neste sentido e foi notável o amadurecimento de discurso em artistas como Rack, Irmãos Brasil, Camila Camiz e Mulambo, para ficar com os exemplos mais evidentes, pois creio que todos os artistas que frequentaram as aulas agregaram conhecimento neste quesito e deslocaram o olhar sobre a própria produção em algum sentido. Contudo, por se tratar de uma escola para artistas, esse empenho deve direcionar a mesma força para a produção artística. Se por um lado é importante pensar de onde se fala, é igualmente importante pensar sobre o que se fala e como se fala (compreendendo metaforicamente o termo fala como toda forma de produção artística).

Participação da equipe do educativo

Descrição

Análise da participação da equipe do educativo do Galpão Bela Maré no projeto da Escola, desde a concepção até a execução.

Principais objetivos

Analisar o impacto da participação do educativo no projeto com atenção aos seguintes pontos: como e onde mais contribuíram durante o projeto; as expectativas foram cumpridas; que tipo de relação a equipe estabeleceu com a turma.

O educativo do Galpão Bela Maré, composto por Jean Carlos Azuos e Érika Lemos Pereira, esteve presente em todos os encontros da Elã. Os dois educadores desempenharam a ponte entre os artistas e a Escola, realizando todas as comunicações necessárias presencialmente ou online, via email ou whatsapp. Foram o canal de comunicação e o principal ponto de apoio da turma durante todo projeto. Desenvolveram uma relação de proximidade e confiança promovendo a acolhida necessária para a turma se sentir a vontade no Galpão. Foi papel do educativo também a organização das aulas numa dimensão mais pragmática, organização dos espaços, recolhimento de documentos, contato com os professores, organização dos materiais quando necessário, organização dos arquivos de referências e documentos online, lista de frequência e demais questões cotidianas fazendo todos os encontros fluírem sem problemas operacionais. Estes detalhes ajudam muito a fortalecer a relação dos artistas com o Bela, é imprescindível para a criação de vínculo com a instituição que haja esta organização e principalmente que haja a presença dos educadores construindo essa relação e representando a instituição.

Para além da organização e comunicação, Jean e Érika contribuíram com os debates colaborando com pontos de vista instigantes e problematizações importantes. Sua experiência com o território e com os públicos do Bela também produziram importantes reflexões para as aulas. Existe no educativo um potencial de acompanhamento pedagógico mais assumido e com mais autonomia, para além do acompanhamento de produção. Ainda que o educativo tenha contribuído com importantes avaliações durante as aulas, não existia assumidamente esse papel. Um trabalho de mediação com a turma e os educadores pode trazer boas soluções para a problemática das participações e engajamentos dos artistas, além disso o educativo pode provocar

amarrações conceituais entre os eixos tendo em vista que participaram de praticamente todas as etapas do projeto.

Em seu ponto de vista o educativo se queixa de acumular muitas funções de produção, o que os sobrecarrega, pois executam em seu cotidiano de trabalho outros projetos do Galpão Bela Maré, além da Elã. No que diz respeito ao planejamento pedagógico da Escola os preocupa uma ausência de acompanhamento da produção dos artistas, o que acarreta numa maior dificuldade no momento da montagem da exposição. Gostariam de ampliar a Escola para formação de outros agentes do campo da arte como críticos, curadores, educadores. Embora tenham participado de muitas etapas de planejamento da Elã, o educativo sente seu trabalho muito reduzido ao operacional e deseja uma Escola mais participativa em seus processos internos.

Para fortalecer o projeto da Elã enquanto escola é muito importante valorizar o trabalho cotidiano em sua dimensão pedagógica e fortalecer os vínculos entre os artistas e o Bela. O educativo certamente é indicado para trabalhar este fortalecimento pois já atua no cotidiano e demonstrou muito potencial de relação com a turma e alto grau de envolvimento e dedicação com o projeto.

Desenvolvimento e impacto das aulas sobre a turma

Descrição

Este ponto de observação é complementar ao terceiro ponto com fins conclusivos de análise global dos ciclos de aula.

Principais objetivos

Analisar e registrar o desenvolvimento da turma de forma mais diretamente comparativa entre o ingresso na Escola e o final do ciclo de aulas. Observar como os conceitos e referências foram assimilados ao final das aulas, que tipo de apropriação foi feita e como o processo contribuiu para o desenvolvimento artístico, compreensão do campo e produção de discurso da turma.

Como é natural em todos os processos de formação, a turma se desenvolveu em níveis diferentes. Existe uma sensível distância entre os artistas que frequentaram o curso em sua totalidade e aqueles que interromperam a frequência. Durante a aula de portfólios foi possível observar o amadurecimento do discurso sobre o próprio trabalho, assim como as preocupações e responsabilidades em torno da forma como se apresentam ao circuito. O exercício foi muito estratégico para a percepção deste tipo de desenvolvimento em cada um dos artistas, pois disparou reflexões e dúvidas tanto sobre a própria produção quanto sobre o campo da arte, e principalmente sobre a inserção e circulação de sua produção no circuito. Como os portfólios foram enviados para a seleção do curso, a análise realizada ao final do ciclo de aulas é uma boa ferramenta para avaliação da aprendizagem.

Em relação ao formato do portfólio praticamente todos os artistas manifestaram de cara o desejo de aprimoramento, essa insatisfação já mostra um salto de maturidade. Contudo, o que gostaria de destacar são os artistas Mulambo, Alex Reis, Irmãos Brasil e Camila Camiz, por exemplo, que questionaram suas próprias escolhas no que se refere aos partidos conceituais que apresentam seus trabalhos. Os questionamentos se voltaram principalmente ao conteúdo dos textos que acompanham as obras, ou que apresentam o artista, mas também para as categorias que escolheram para ordenar as pesquisas no portfólio. Estes são diagnósticos importantes certamente influenciados pelos debates proporcionados pela Elã, levando em consideração que o mote do curso foi *O nome que a gente dá às coisas*. Isso significa que as aulas qualificaram a produção discursiva e conceitual dos artistas sobre as próprias obras. Artistas como Arcasi Lopes e Talita Nascimento, que apresentaram expressiva baixa de frequência

mas que estavam presentes nesta aula, tiveram outra qualidade de apresentação, certamente com menos questionamentos e reflexões se comparado aos outros artistas.

Outra sensível mudança de postura observada foi a relação dos artistas com as instituições de arte. Se a princípio alguns deles demonstravam posicionamentos muito defensivos, por vezes anti-institucionais, ao final das aulas foi possível notar uma virada. Não que a turma tenha apaziguado essa relação, ou superado as críticas, o que se notou foi um olhar mais atento e disposto a compreender a gama de características, atuações, intencionalidades e posicionamentos que as diferenciam. Diferente de rejeitar as instituições, o discurso se mostrou mais como desejo de jogar por dentro e negociar diálogos quando conveniente. Lembrando que nenhum dos artistas de fato adotava atitudes anti-institucionais, a grande maioria já havia passado por outras instituições de formação ou de exibição, muitos inclusive reconheceram a importância de atuar nesses espaços durante a primeira apresentação no primeiro encontro, portanto se tratava menos de um ativismo e mais de uma manobra discursiva. A manobra continua existindo, o que de fato não é um problema, mas a argumentação ganhou mais complexidade. Todos os eixos abordaram as institucionalidades de alguma maneira, mas os eixos Materialidades e Conceitos promoveram muitas reflexões neste sentido se debruçando sobre essa relação com mais intensidade no sentido de jogar com a instituição e também fortalecendo a ideia de ocupar os espaços politicamente. Destaco os artistas Cruz e Lucas Araújo como exemplos dessa reflexão e qualificação de argumentação.

Em relação as produções apresentadas na exposição, poucos artistas exibiram novidades. Um grande número apresentou obras que já existiam antes da formação. A

apresentação de uma nova obra não foi em momento algum uma exigência, ainda assim é válido analisar esse resultado. Durante o ciclo de aulas houveram poucos espaços de trabalho direcionados à prática artística, e os exercícios propostos tiveram um caráter mais narrativo, de apresentação das obras. Para fomentar o desenvolvimento dos trabalhos é importante pensar em mais estímulos à criação durante toda a formação. Este é um desafio que talvez se responda com a ampliação no número de encontros, pois não há neste projeto um eixo de aula que seja substituível ou modificável, da mesma forma o conteúdo das aulas seria prejudicado caso os educadores incluíssem exercícios práticos. Outra possibilidade seria repensar o formato do ateliê aberto agregando algum tipo de acompanhamento mais periódico e escalado com presença dos artistas organizada e previamente acordada. Para isso seria necessária ampliar o período que ele acontece também. Ainda assim gostaria de destacar alguns artistas que apresentaram obras com saltos estéticos ou poéticos, experimentando novos meios, novas organizações ou novas escalas de trabalho, são eles Anderson Barreto, Cruz, Thiago Saraiva, Lucas Assumpção e Camila Camiz, válido ressaltar também, todos estes com boa frequência nas aulas.

Além das obras a exposição exibiu uma pequena biografia de cada artista que acompanhava os objetos ao lado das legendas. Os textos foram desenvolvidos pelos artistas com Marisa durante o período do ateliê aberto. Analisando a formação de maneira geral a organização desse texto foi um bom resultado final. A Elã se mostrou como uma escola que parte do sujeito e sua experiência de mundo para a elaboração de narrativas e discursos estéticos e políticos postos em diálogos conscientes e responsáveis com o circuito da arte contemporânea brasileira. Sendo assim, é totalmente coerente com a formação que a exposição exiba a biografia dos artistas no

lugar de um texto crítico da obra, que costuma ser mais usual, evidenciando o interesse do projeto em apresentar os artistas para o público. A construção da biografia pode parecer um exercício simples mas exige sérias tomadas de decisão em relação a forma como cada artista deseja se projetar, que tipo de informação deve aparecer no texto e com qual relevância, além do mais, a escrita demanda compreensão de sua poética e trajetória. Somado à importância do exercício, objetivamente o texto de apresentação é de grande serventia aos artistas em suas carreiras. É válido pensar, ainda assim, que para o público da exposição existe um risco de leitura que associa diretamente dados biográficos às obras, como o texto é a informação mais próxima e mais direta se torna um exercício quase natural. Essa associação não é uma regra, é uma escolha de cada artista.

Avaliação coletiva com a turma

Descrição

Processo de avaliação coletivo desenvolvido com a turma ao final dos ciclos de aula.

Principais objetivos

Compreender o impacto do projeto do ponto de vista dos próprios participantes.
Investigar que tipos de atravessamentos foram promovidos pelas aulas, levando em conta a relação com os professores, equipe do educativo e entre a própria turma.
Investigar como os participantes compreendem seu próprio desenvolvimento.

Durante a avaliação coletiva os artistas foram ouvidos a partir de três dimensões do projeto, de forma mais pragmática em relação à organização da Escola, em relação aos eixos e seus educadores, e numa linha mais geral sobre o projeto da Elã como um todo. O encontro foi realizado entre a turma, o educativo e a avaliadora.

A turma considerou o edital de chamamento simples e claro, no geral não houveram ressalvas. Apenas uma artista compreendeu mal a quantidade de aulas, pois confundiu o período do ciclo de aulas com o período integral do projeto. Todos consideraram um ponto alto da seleção a realização das entrevistas, pois democratiza o acesso ao projeto.

O horário de início das aulas, 13h, foi considerado cedo. Muitos artistas alegaram dificuldade de deslocamento o que dificulta sua organização com o horário do almoço. É válido lembrar que o Bela disponibilizou seu espaço para esquentar refeições caso os artistas quisessem.

Um ponto crítico da avaliação foi sobre as aulas deslocadas para outros espaços, no caso a aula 2 do eixo Corpos ocorreu no Capacete, e a aula 1 do eixo Agenciamentos ocorreu no Parque Lage. Os artistas questionaram o deslocamento em dois sentidos. O primeiro por serem dois endereços em direção à zona sul, Glória e Jardim Botânico, o que aumenta o tempo do trajeto da maioria dos artistas. O segundo questionamento partiu dos artistas que participaram destas aulas, lembrando que nos dois casos houve um sensível esvaziamento da turma. Os artistas não se contentaram com o que foi chamado por eles como ocupação meramente simbólica destes espaços. O fato de estarem presentes nestes lugares, segundo eles, não é uma provocação política

suficiente, pois não se sentiram interagindo com as instituições. Se perceberam apenas usando os espaço em sua dimensão física, sem criar nenhum tipo relação. O que soou como uma contrapartida institucional. A turma se apresentou disposta a se deslocar, mesmo que para a zona sul, caso isso faça sentido na formação, do contrário apenas gera transtornos. Mais especificamente, sentiram falta da educadora Camilla Rocha Campos apresentar o Capacete e compartilhar com a turma o que acontece no espaço, tendo em vista que é colaboradora. Gostariam de se sentir mais convidados a frequentar. Igualmente no Parque Lage gostariam de ter a oportunidade de se formar com a EAV e seus professores assim como interagir com seus programas de formação. Nos dois casos os artistas gostariam de aproveitar a chance para se apresentar aos espaços e construir redes profissionais.

A comunicação foi considerada boa, mas os processos de pagamento da bolsa foram criticados pelo excesso de burocracia. O valor da bolsa também foi questionado. Ainda assim, a maioria dos artistas não consideraram a possibilidade de realizar a formação sem o auxílio, por conta dos gastos com passagem e alimentação. A turma se sentiu muito apoiada pelo educativo nas questões de ordem prática.

Eixos

Percursos

A identificação foi o fator que mais cativou a turma neste eixo, tanto em relação a educadora, que todos consideraram uma pessoa com o perfil próximo aos deles, quanto com o território, e com a própria turma, tendo em vista que foi a primeira aula da

formação, ou seja o momento em que os artistas se conheceram. A turma se sentiu a vontade ao se perceber entre pares, deixando de lado a postura defensiva que, segundo alguns artistas, normalmente é adotada em situações de grupo, seja em ambientes de formação, seja em ambientes profissionais, no circuito das artes visuais. Começar o curso conhecendo o território foi um gesto importante que contribuiu para o pertencimento com o projeto, ver corpos mais próximos aos deles lhes ampliou o estado de acolhimento já instaurado pela composição da turma. A turma destacou o fato de Pamela ter apresentado pessoas e espaços de referência dentro da Maré, valorizando as histórias e reconhecendo nelas potência. Nas palavras da turma este primeiro encontro humanizou os sujeitos que ali estavam. Um fator a ser melhor trabalhado foi a distribuição do tempo durante as proposições.

Corpos

A ancestralidade em seus desdobramentos teóricos e poéticos foi o grande ponto alto deste eixo na visão da turma. A valorização das narrativas pessoais em relação com as referências apresentadas convocou os artistas a olharem para sua história com mais responsabilidade política e mais engajamento. Outro ponto ressaltado foi o debate em torno das negociações com o circuito artístico, frente a estas responsabilidades. A turma valorizou a condução das discussões por parte de Camilla, que a todo momento ampliou e complexificou as questões em voga, com apontamentos críticos mas sem julgamentos simples.

Uma questão apontada com veemência foi a expectativa de proposições mais performáticas, a turma sentiu falta do corpo em sua dimensão física e espacial. A

importância das referências e construção de pensamento sobre o corpo não foi negada ou rejeitada, contudo existia o desejo por uma abordagem menos discursiva, sentiram falta de ação. Outra expectativa que se viu frustrada foi a interação com o Capacete enquanto instituição. Os artistas não se sentiram apresentados ao espaço, tão pouco convidados a frequentar.

Materialidades

O ponto alto deste eixo foi a relação com a educadora Sallisa Rosa, os artistas se sentiram a vontade e instigados devido sua postura que a todo tempo se colocou como artista. Esta relação de artista para artista criou uma identificação e proximidade da turma com Sallisa. O fato da artista trazer para o debate acontecimentos pessoais muito recentes e referências de artistas jovens também contribuiu para essa intimidade.

Embora novamente os artistas tenham sentido falta de mais ação nas proposições, gostaram da abordagem imaterial sobre o conceito de materialidade. Ainda assim tinham a expectativa de ver e conhecer materiais novos neste eixo. A ideia de criação de táticas frente ao circuito artístico também foi valorizada.

A turma sentiu falta de organização no planejamento das aulas, sobretudo na apresentação das referências. Diante da proposição de apresentação na qual metade da turma não conseguiu mostrar sua pesquisa por falta de tempo, a turma alegou que não se importaria que nem todos de apresentassem se isso fosse determinado previamente por uma provocação que fizesse sentido na aula, da forma como aconteceu soou injusto.

Conceitos

Este eixo foi considerado por muitos artistas da turma como as melhores aulas. A abordagem os surpreendeu, tendo em vista que já estavam um pouco saturados do formato das aulas anteriores. Os artistas apreciaram a forma como as referências foram apresentadas com implicações diretas. Os conceitos ganharam aplicabilidade. A turma sentiu o educador muito aberto às suas demandas e disposto a adaptar seu planejamento. Foi neste eixo que os artistas se aproximaram das produções uns dos outros.

Agenciamentos

O compartilhamento dos códigos e meios de produção profissionais foi muito construtivo e contribuiu com um tipo de conhecimento e informação que, na visão da turma, eles dificilmente teriam acesso. Os artistas consideraram o eixo fundamental para construir uma visão mais ampliada do campo artístico, tomando ciência de etapas e procedimentos que fazem parte do trabalho do artista para além da produção e pesquisa poética. O ponto alto foi a análise dos portfólios, onde a turma pode receber feedbacks diretos e dicas de aprimoramento. Conhecer o projeto Travessias também foi citado positivamente.

A turma gostaria de ter mais aulas deste eixo, considerou o tempo curto e gostariam de ter se aprofundado mais em questões técnicas. Sobre o momento de construção da

exposição, também gostariam de ter mais tempo de tomar decisões coletivas para dar mais contornos curatoriais à mostra.

A Elã

A avaliação do projeto foi bastante positiva, houve um desejo expresso e unânime pela continuidade do processo de formação. Todos os eixos deixaram inquietações que os levaram a querer mais encontros no intuito de aprofundar as questões, também para estreitar mais a relação com os educadores. A turma não poupou elogios à qualidade das referências apresentadas. A composição da turma também foi uma surpresa gratificante, em sua visão este foi um elemento fundamental para o desenvolvimento das aulas. Os artistas se reconhecem como sujeitos sociais subalternizados frente ao circuito artístico hegemônico, e isso cria neles uma identidade coletiva, mas resistem ao termo periféricos, pois temem que este seja um rótulo redutor que não reconhece dentro desta coletividade as especificidades que os singularizam. A Maré também foi apontada como um dado com forte presença no processo, mesmo que ao longo dos encontros eles não tenham percorrido o território com frequência ele aprofundou o caráter político da formação houve de fato uma presença durante as aulas. Se formar com esta turma na Maré foi uma experiência apontada como única em suas trajetórias.

Para aprimorar a formação os artistas apontaram a necessidade de algum acompanhamento com mais continuidade, apesar de muito satisfeitos com as temáticas propostas nos eixos, acreditam que esta organização fragmentou o processo de aprendizagem. Apontaram o desejo de ver o educativo atuando com mais protagonismo. Gostariam de se encontrar com mais frequência para fortalecer a ideia

Elã | O nome que a gente dá as coisas

Avaliação Pedagógica

de escola. Numa possível ampliação do projeto se interessam por se aproximar de mais artistas, com possíveis visitas a ateliês, e curadores, respeitando a representatividade da turma. Desejam continuar o contato com o Bela e como possível desdobramento da Elã, gostariam de realizar um projeto de residência artística no Galpão.

Participação e colaboração da turma no processo de elaboração e montagem da exposição

Descrição

Analisar a participação da turma no desenvolvimento e execução da exposição final do projeto, observando como questões emergentes das aulas foram apropriadas e trabalhadas no processo curatorial.

Principais objetivos

Analisar como a exposição se apresenta em relação aos ciclos de aula, que tipo de memória do processo pedagógico ela carrega. Analisar o protagonismo da turma na construção teórica e discursiva da mostra. Analisar como a turma compreende e constrói relações entre suas produções artísticas.

A Elã compreende a montagem da exposição final como processo de formação dos artistas igualmente aos ciclos de aula, e por isso convocou a participação de todos em todo processo de montagem. No total foram 10 encontros em formato de aula, com presença obrigatória de toda turma. Após os ciclos de aula se iniciou o período de ateliê aberto, no qual os artistas foram convidados a produzir suas obras no espaço do Galpão Bela Maré. Neste período também foram arranjados os espaços da exposição, e negociados os detalhes de produção e montagem, dentro das possibilidades apresentadas pelo espaço expositivo e do orçamento. Marisa e Luiza, junto ao educativo, organizaram esta etapa presencialmente em diálogo direto com os artistas. Não existiu uma escala previamente definida da participação dos artistas, investindo no poder de auto gestão de produção e auto organização de cada um.

O comprometimento dos artistas com a presença foi novamente uma questão para esta fase da Elã, boa parte da turma esteve ausente durante o período de ateliê aberto, mesmo com convocatórias realizadas várias vezes. Marisa e Luiza se disponibilizaram muitos dias para a orientação técnica da montagem dos trabalhos, ainda assim a participação ficou aquém do esperado. O desejo da Escola de construção coletiva de partidos curatoriais para a mostra ficou prejudicado diante da presença sucinta da turma. Muitos artistas perderam o fôlego em suas produções, manifestaram desejos e intenções muito mais ousadas e elaboradas quando foram indagados no último encontro do ciclo de aulas. Contudo, no momento de realizar a obra entregaram objetos muito mais simples do que pretendiam. Este foi o caso de Jade Maria Zimbra, Teodora Aya Ibeji, Manaíra Carneiro, Rack e Andressa Núbria, para ficar com alguns exemplos. É válido ressaltar que existiu uma bolsa auxílio especificamente para a realização do projeto para a exposição, o que descarta uma possível justificativa

financeira. Neste exercício de adaptação da ideia para a realização da obra é comum que hajam mudanças de proporção, faz parte da formação profissional dos artistas se defrontarem com os desafios postos pelo espaço, orçamento, materialidade e montagem das obras, sobretudo os artistas que têm menos experiência com exposições. Contudo o que destaco aqui se trata de retraimentos bruscos como o caso de Núbia, que pretendia realizar uma instalação com realidade virtual manifestando interesse em experiências imersivas e acabou apresentando algumas fotografias impressas.

Diante deste tipo de movimentação inesperada por parte da turma, se faz necessário pensar um espaço maior de construção da exposição em fórum ainda obrigatório. Propor exercícios críticos entre os artistas para fomentar a criação de relações entre eles que partam de suas poéticas, para isso é preciso dedicar mais tempo se debruçando sobre as obras. Comprometer os artistas uns com os outros para tirar um pouco a dimensão puramente individual que tomou a produção das obras e da exposição por parte da turma. Implicar a turma nos partidos curatoriais é um exercício muito importante ainda mais frente a um ciclo de aulas que lidou tão intensamente com os conceitos e nomeações em suas dimensões políticas e estéticas. Este exercício também pode ser interessante para trazer à tona os debates suscitados nas aulas de forma mais explícita.

A montagem final da exposição se apresentou com muita qualidade mesmo dentro dos desafios descritos acima. No final do projeto não houveram desistências, entre diferentes escalas de entrega e comprometimento é muito importante destacar que

Elã | O nome que a gente dá as coisas

Avaliação Pedagógica

todos os artistas participaram com ao menos uma obra para a exposição e participaram da montagem.